

Localizada dentro de uma caverna, a construção tem 8,5 metros de comprimento e 0,5 metro de altura, na ilha espanhola de Maiorca. Pesquisadores se surpreenderam. A suspeita é de que humanos estiveram na região há cerca de 2.000 anos

Ponte para o passado

» ISABELLA ALMEIDA

Cientistas liderados pela Universidade do Sul da Flórida (USF), nos Estados Unidos, estudaram uma antiga ponte submersa em quase oito metros para tentar resolver uma dúvida arqueológica que já dura muitas décadas: quando os humanos se estabeleceram nas ilhas do Mediterrâneo ocidental. As descobertas, publicadas, ontem, na revista *Comunicações Terra e Meio Ambiente*, elucidaram a ordem cronológica de ocupação das regiões do Mediterrâneo oriental e ocidental, revelando que os humanos se assentaram nesses locais muito antes do que se pensava.

Ao estudar o local, os pesquisadores encontraram evidências convincentes de atividade humana dentro da Caverna Genovesa, localizada na ilha espanhola de Maiorca, mais antigas do que esperavam. De acordo com o professor de geologia da USF Bogdan Onac, líder do estudo, a presença dessa estrutura submersa e outros artefatos indicam um nível sofisticado de atividade, o que sugere que os primeiros humanos no local reconheceram os recursos hídricos da caverna e construíram uma infraestrutura estratégica.

A caverna teve alguns caminhos alagados pelo aumento do nível da água, com incrustações distintas de calcita se formando durante períodos de maré alta. Essas formações, com uma faixa de cor clara na ponte submersa, ajudaram a identificar de forma eficaz as mudanças históricas do nível da água e datar a construção da ponte.

Apesar de ser uma das maiores ilhas do Mediterrâneo, Maiorca foi uma das últimas habitadas. Outros trabalhos indicaram presença humana há 9.000 anos, mas inconsistências e má preservação do material datado, como ossos e cerâmica, levantaram

dúvidas sobre o achado. Estudos mais recentes usaram carvão, cinzas e ossos encontrados na ilha para criar uma linha do tempo de assentamento humano há cerca de 4.400 anos. Isso combinou a linha do tempo da presença humana com eventos importantes, como a extinção do gênero *Myotragus balearicus* de antlope-cabra.

Ao analisar o crescimento excessivo de minerais na ponte e a elevação de uma faixa de coloração na estrutura, os cientistas descobriram que ela foi construída há quase seis mil anos, mais de dois mil anos mais velha do que a estimativa anterior.

Ao **Correio**, Onac destacou que, além da ponta submersa, outras estruturas apontaram para a antiga presença humana no mediterrâneo. "Há também um caminho de pedra conectando a entrada da caverna ao lago onde a ponte foi construída. Embora não haja evidências adicionais, acreditamos que isso seja convincente o suficiente. A construção de uma ponte de 8,5 metros de comprimento e 0,5 metro de altura usando grandes blocos de calcário, provavelmente provenientes de desabamentos de cavernas, sugere fortemente a presença e a contribuição de humanos.

O cientista também destacou que a colonização tardia de Maiorca e suas ilhas vizinhas é chamada de "Paradoxo Balear". "Ao estimar a linha do tempo da construção da ponte, nossa pesquisa sugere que os humanos provavelmente chegaram a Maiorca quase 2.000 anos antes do que se pensava anteriormente. Essa descoberta reduz significativamente a lacuna entre as linhas do tempo de colonização das ilhas no Mediterrâneo oriental e ocidental."

O estudo envolveu um grande trabalho de campo, incluindo exploração subaquática e técnicas de datação precisas. Onac continuará o trabalho

M.A. Perelló



As estalagmites (formações rochosas) submersas cresceram quando o nível do mar estava muito mais baixo

R. Landreth



Vista da pedra no interior da Caverna Genovesa, em Maiorca

estudando sistemas de cavernas, para descobrir os níveis do mar pré-industriais e examinar o impacto do aquecimento moderno do efeito estufa na elevação do nível do mar. Agora, segundo

o líder da pesquisa, as descobertas do estudo serão utilizadas por arqueólogos para investigar mais profundamente a colonização humana inicial em outras regiões do Mediterrâneo.

» Era Viking diferente em cada país

Pesquisas recentes, lideradas pelo sociólogo David Jacobson da Universidade do Sul da Flórida e uma equipe interdisciplinar, desafiarão a visão de que a violência na Noruega e Dinamarca da Era Viking são comparáveis. O estudo, publicado recentemente no *Journal of Anthropological Archaeology*, revelou que a violência interpessoal era muito mais prevalente na Noruega do que na Dinamarca. Análises de esqueletos mostram que 33% das ossadas norueguesas tinham ferimentos curados e uma alta incidência de traumas fatais, além de uma grande quantidade de armas enterradas com os mortos. Em contraste, a Dinamarca apresentava uma sociedade mais centralizada, com menos sinais de violência pessoal e uma hierarquia social mais forte, resultando em violência mais organizada e frequentemente oficial, como execuções.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

AFP



SEGUNDA-FEIRA, 26

MÓDULO DESATIVADO

A agência espacial japonesa (Jaxa) anunciou o encerramento das operações de seu módulo lunar, que sobreviveu a três gélidas noites lunares. O Smart Lander for Investigating Moon (SLIM) alunissou em janeiro, convertendo o Japão no quinto país a pousar com sucesso no satélite natural da Terra — depois de Estados Unidos, União Soviética, China e Índia. Em postagem na rede social X, a Jaxa assinalou que não recebeu resposta da nave espacial, lançada em setembro de 2023, após tentar se comunicar com o módulo na semana passada. "Consideramos que não havia nenhuma perspectiva de poder restabelecer a comunicação com o SLIM e em 23 de agosto, por volta da 22h40, enviamos uma ordem para parar (sua) atividade", informou a agência. "A sonda continuou transmitindo informações sobre seu estado e entorno durante um período muito mais longo do que o esperado. No momento do lançamento, ninguém imaginava que a operação se prolongaria durante tanto tempo", acrescentou.

TERÇA-FEIRA, 27

AS ABELHAS SUMIRAM

Um novo estudo publicado na *Nature Sustainability* revela um declínio acentuado no número de avistamentos de abelhas selvagens, com aparições de algumas espécies caindo até 56% em áreas de alto uso de pesticidas em comparação com áreas sem a aplicação desses químicos. Os pesquisadores, da Universidade de Southern California, nos Estados Unidos, usaram métodos computacionais para analisar mais de 200 mil observações únicas de mais de 1 mil espécies, com objetivo de avaliar a frequência com que foram vistas em várias localidades norte-americanas. Os dados foram cruzados com informações sobre uso de pesticidas. Segundo os pesquisadores, a associação entre esses produtos e o "sumiço" das abelhas é incontestável.

QUARTA-FEIRA, 28

RELAÇÕES PERIGOSAS

No amor, vale passar por qualquer perigo para os machos das moscas-das-frutas. À medida em que se envolvem mais no namoro e no sexo, esses insetos se tornam alheios aos perigos, mostram estudos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Os pesquisadores conseguiram mostrar, pela primeira vez, as redes neurais no cérebro da mosca que direcionam esse processo de tomada de decisão. "Conforme a mosca persegue seu cortejo e está perto do acasalamento, podemos ver claramente que, quando uma ameaça é introduzida, ela simplesmente não a vê", disse Carolina Rezaval, principal autora do estudo. A equipe introduziu um perigo artificial usando luz e sombra para simular o efeito de um predador voando por perto. "À medida que o namoro avança, o aumento da dopamina bloqueia as principais vias sensoriais, reduzindo a capacidade da mosca de responder ao risco e fazendo com que ela se concentre no acasalamento."

Katja Schulz



QUINTA-FEIRA, 29

MUITO MAIS PEIXES SOB O RISCO DE EXTINÇÃO

Um levantamento realizado por pesquisadores de Montpellier, na França, prevê que 12,7% das espécies de peixes teleosteos marinhos estão em risco de extinção. O percentual é cinco vezes maior do que a estimativa anterior da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) — de 2,5%. O novo trabalho, coordenado por Nicolas Loiseau e Nicolas Mouquet, da Unidade MARBEC (Unidade de Biodiversidade Marinha, Exploração e Conservação) inclui quase 5 mil espécies que não receberam um status de conservação devido a dados insuficientes. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN rastreia mais de 150 mil tipos para orientar os esforços globais de conservação em nome dos mais ameaçados. No entanto, 38% das espécies de peixes marinhos (4.992) são consideradas Deficientes em Dados e não recebem um status oficial de conservação ou as proteções associadas.